

ALCESTE:

Não, não posso suportar tão vil procedimento
Com que se deleita toda essa gente que está na moda;
Não há nada que mais deteste do que as contorções
De todos esses forjadores de promessas,
Desses amáveis doadores de abraços frívolos,
Desses obsequiosos recitadores de inúteis palavras
Que entre si disputam as reverências
E tratam de igual forma o tolo e o homem de bem.
Que vantagem haverá em obter de um homem todas as cortesias,
Juramentos de amizade, zelo, estima, ternura e fidelidade,
De ouvir o fulgurante elogio que de vós faz,
Quando, logo a seguir, o mesmo vai fazer a um canalha qualquer?
Não, não há alma nobre
Que deseje uma estima que assim se dá a todos;
E se essa glória para si reclamar, pouco prazer vai saborear,
Com o universo inteiro a vão confundir:
Só na preferência a estima se pode fundar
E não estima ninguém quem todo o mundo diz estimar.
Já que vos entregais a estes vícios do tempo,
Com o diabo, não mereceis fazer parte dos que frequento;
De um coração que trata o mérito com indiferença,
Recuso a imensa complacência;
Quero que me distingam; e que fique bem assente:
O amigo do género humano não é coisa que me tente.

Uns porque são maus e malvados
E outros porque aceitam a malvadez,
E não sentem pelos primeiros esta raiva vigorosa
Que o vício deve atizar em toda a alma virtuosa.
Desta complacência vemos o injusto excesso
Que protege o verdadeiro canalha que decidi combater;
Através da máscara, vemos o traidor na perfeição,
Em toda a parte é conhecido por aquilo que faz,
Aquele rolar de olhos, aquele tom meloso
Só iludem os que daqui não são.
É sabido que esse simplório merece ser desmascarado,
Que usou meios turvos para chegar ao nosso mundo,
E que a sua sorte, vestida de esplendor,
Faz corar a virtude e bramir o valor.
Por toda a parte lhe atribuem nomes vergonhosos,
Não há como defender a sua honra miserável:
Chamam-lhe velhaco, infame, canalha,
Toda a gente o admite, ninguém ousa discordar,
E ainda assim todos acolhem o seu fingido esgar.
Recebem-no, sorriem-lhe, em qualquer sítio se insinua,
E se com intrigas um lugar houver a disputar,
Contra o melhor dos homens de bem é ele quem vai ganhar.
Por Deus! É para mim uma ferida aberta
Quando perante o vício vejo tanta precaução;
Sinto nascer em mim este súbito impulso
De me afastar dos humanos e buscar a solidão.

"O MISANTROPO", DE MOLIÈRE
TRADUÇÃO: ALEXANDRA NORRIRA
DA SILVA

2018, TEATRO NACIONAL SÃO
JOÃO E. EDIÇÕES
HÚMUS